

David Machado

## A noite repetida do comandante

Ao abrir a porta do prédio apercebeu-se da penumbra densa que havia nas escadas e estremeceu de pavor. De imediato levou a mão atrás das costas, ao lugar do cinto onde muitos anos antes trazia sempre consigo o revólver de guerra que lhe tinham oferecido em Moscovo, e a ausência da arma deixou-o sem fôlego porque teve a certeza de que iam matá-lo. Às apalpadelas pela parede, experimentou o interruptor da luz várias vezes até perceber que não funcionava. Então evocou o antigo instinto de guerrilheiro, ficou quieto, serenou a respiração e olhou o negrume sem receios. Depois tossiu duas vezes e gritou, tão alto que se escutou no prédio todo:

-- Eu não vos vejo matarem-me, cabrões. Mas vocês também não me vêem morrer.

Avançou com um braço a proteger o rosto e o outro em riste, à espera que lhe aparecesse o inimigo pela frente, e foi subindo degrau a degrau como se cada um fosse o último, até que alcançou sem ânsias o patamar do segundo andar e com a mão aberta bateu na porta de casa com um estrondo de raiva. A porta estava trancada, tal como ele a deixara quando saíra no dia anterior. A escuridão e o silêncio apertaram-lhe o coração, mas algures nas entranhas encontrou a coragem para meter a chave na fechadura e depois para rodá-la. Abriu a porta, entrou, fechou-a atrás de si, e depois ficou, de olhos abertos para o escuro, à espera de sentir o primeiro balázio vindo do passado atravessar-lhe a carne. Esteve assim cerca de dois minutos, mas como não acontecia nada, poisou as chaves na mesa, despiu o casaco e atirou-o para cima de uma cadeira, e por fim, sem se incomodar em acender as luzes, atravessou o corredor até à sala e sentou-se num cadeirão engalanado de mantas tribais, com uma tirada seca de despeito.

-- Vou estar aqui sentado a noite toda – disse. – Quando quiserem venham matar-me.

Chamava-se António Ferraz e era enfermeiro no Hospital de São José e por causa dos turnos sucessivos não dormia há mais de trinta e sete horas. E, na realidade, não havia ninguém para o matar. Estava tão exausto que não sabia dizer se era de manhã ou de tarde, não se lembrava de ter caminhado até casa através das colinas, nem da luminosidade feroz do crepúsculo às oito da noite, que foi a hora a que chegou ao Bairro Alto, onde vivia, e também a hora a que despertou do marasmo. Na verdade, teve motivos para se alertar muito antes de abrir a porta do prédio e se deparar com o presságio da penumbra nas escadas. Pois à medida que foi cruzando as ruelas estreitas do bairro ainda sereno, inteirou-se das fileiras de soldados negros que o saudavam solenemente do outro lado das suas angústias remotas. A dado instante do caminho, um oficial com a barba por fazer e o olhar de vidro fosco veio ao seu encontro e comunicou-lhe: “Comandante, vamos sair para o mato assim que a lua levante.” Ele não disse nada e fez sinal com a mão para que não o incomodassem mais até ao fim da vida.

Já em casa, sentado no cadeirão e tentando afugentar as memórias à custa de cigarros de mentol, ouviu as tropas começarem a marchar em direcção ao norte, ouviu um coro de vozes cantar uma *rebita* e finalmente ouviu o mesmo oficial gritar-lhe por entre as primeiras ramadas da selva: “Adeus Comandante. Encontramo-nos na margem norte do rio, daqui a dois dias.” E depois escutou o silêncio impossível da montanha africana, em cujas encostas ainda corria o sangue da última batalha. Até que, em Lisboa, o telefone tocou.

Do outro lado da linha, percebeu a voz da sua mãe e espantou-se de já ser domingo, porque era sempre nesse dia da semana que ela telefonava. Ela explicou-lhe que não era domingo e também que, aos oitenta e dois anos, não precisava de dias marcados para falar com a única criatura que lhe restava no mundo. António não disse mais nada e esperou. A mãe tomou fôlego e depois contou-lhe que estava amargurada desde as

primeiras horas da manhã, sem saber por que motivo, e às voltas com uma vontade peregrina de falar com ele. Por causa da sua índole de adivinha, andou para lá e para cá a vaguear naquele mar de palpitações em cadeia, com a certeza de que estava para acontecer uma desgraça. Contudo, por fim acabou por perceber que a desgraça que estava para acontecer já tinha acontecido e que todo aquele alvoroço dentro do peito não era mais do que um eco distante de outro tempo.

-- Faz amanhã de manhã vinte e três anos que me telefonaste a chorar – disse-lhe. – Estavas em Angola, perdido no meio da guerra, e eu aqui em Coimbra, no mesmo lugar de sempre, sem te poder acudir. Primeiro pensei que tinhas levado um tiro, mas logo de seguida lembrei-me que não te ouvia chorar desde os teus dois anos e então percebi que tinha sido algo mais grave do que uma bala.

Ela fez uma pausa, à espera que o filho dissesse alguma coisa, mas António permaneceu em silêncio e ela voltou a falar.

-- É só uma lembrança, eu sei – disse. – De qualquer forma, toma cuidado contigo.

Despediu-se da mãe com poucas palavras e desligou. E nesse instante viu o capitão Elias Vieira sair das sombras da sua sala, com a cara coberta de transpiração, o braço ao peito por causa do estilhaço de uma mina que por pouco não o matara e a mascar a mesma bola de tabaco de três décadas antes; atravessou o soalho a mancar da perna esquerda, como António Ferraz sempre o conheceu, e a tropeçar em tudo, com ar de espanto por encontrar uma sala-de-estar montada em pleno planalto angolano. Mesmo no escuro, não havia qualquer hipótese de não saber de quem se tratava.

Conheciam-se do tempo em que Elias era ainda escravo na fazenda do pai de António e tinham ficado amigos numa tarde em que o negro fora sentenciado pelo capataz a quinze chicotadas por andar a distribuir propaganda revolucionária entre os outros escravos. Naquele tempo, a ingenuidade de António Ferraz não lhe permitia distinguir os insurrectos das outras pessoas a não ser pela cor da pele, mas mesmo assim o castigo pareceu-lhe

exagerado para um único homem e saiu em defesa do negro, que lhe agradeceu, dias depois, deixando-lhe à porta do quarto dois livros que acabaram por mudar o rumo da sua vida: *O Capital*, de Karl Marx e uma reunião de diversos discursos de Lenin. Alguns anos mais tarde, quando António Ferraz regressou a Luanda depois de uma temporada voluntária na União Soviética, onde aprendeu a pilotar aviões, assim como todos os requintes da arte de bem armar uma revolução, encontrou-se com Elias Vieira por acaso e a primeira coisa que lhe disse foi: “Estou de volta, camarada. Agora o chicote vai mudar de mãos.” Elias Vieira passou por cima da pele clara do seu antigo patrão e também por cima de quatro séculos de tiranias e levou-o em campanha pelas selvas de todo o país, e em toda a parte o apresentou às tropas como comandante Ferraz, recém-chegado de Moscovo, doutorado em manobras de guerra e versado na doutrina comunista original. Desde então, tornara-se o seu braço direito, o seu protector mais fiel no campo de batalha e às vezes o seu confidente imóvel. Até ao dia da deserção sigilosa e solitária do comandante. Porque depois disso nunca mais se tinham visto, a não ser em sonhos.

-- Ainda não são horas de nos sentarmos, comandante – disse-lhe o capitão Elias Vieira das suas evocações involuntárias. – Só cá estamos quatro e a primeira vigia da noite toca a nós os dois.

António Ferraz acendeu mais um cigarro de mentol e olhou o seu velho amigo de relance.

-- Estive quase quarenta horas de plantão no hospital – atirou. – E há mais de vinte anos que não ponho um pé em África. Quero paz.

-- E o que fazemos com esta guerra, comandante?

-- Qual guerra, Elias? A guerra acabou.

O capitão moveu-se nas sombras da sala e acorrou-se ao lado de António Ferraz com um sorriso aberto.

-- Comandante, sabe bem que esta guerra dura para sempre – disse. E depois, sem pressas, acrescentou: – Estou à sua espera atrás dos penedos. Não esqueça a arma.

De seguida, ergueu-se e desapareceu nas brumas do corredor. Eram então quase dez horas e António Ferraz virou-se no cadeirão para dormir o sono atrasado; ainda que soubesse de antemão que não o conseguiria, pois embora tivesse chovido o dia inteiro sobre o planalto, o ar nocturno estava a tornar-se morno e grosso como um cobertor de lã e os mosquitos começavam a morder sem tréguas. Ao longe, lá para os lados da cozinha, escutou as vozes roucas dos dois soldados que jantavam. O cheiro forte do grão cozido e também os vapores adocicados da aguardente trouxeram-lhe alento. Sentiu a urgência de se levantar do cadeirão para ir juntar-se a eles ao pé fogo, mas afastou o desejo com a mão. Conhecia bem os dois. Chamavam-se Inácio Montenegro e Zeca Baião, eram de Benguela e tinham chegado ao grupo de guerrilheiros três meses antes. Um ano depois, durante a última batalha em que participou antes de fugir pela selva até ao Congo, vê-los-ia morrer, não muito longe um do outro, com dois disparos certos do inimigo.

E, no entanto, ouviu-os falar com toda a clareza enquanto jantavam na cozinha, e depois ouviu-os afinarem as guitarras e tocarem acordes soltos, e por fim ele próprio deixou de suportar o peso daquela saudade de loucos e gritou:

-- Zeca!

-- Sim, comandante.

-- Toquem uma do Sofia Rosa.

E eles tocaram. E enfim o comandante António Ferraz serenou, ainda que por breves instantes. Sonhou com os doentes do hospital, que entravam vivos por uma porta e a saíam mortos por outra, até que por volta da meia-noite, sacudido ao de leve pela mão do capitão Elias Vieira, despertou do embalo da canção interminável.

-- Chegaram três soldados com um prisioneiro, comandante – disse-lhe o capitão.

António Ferraz olhou o outro através do tempo e respondeu-lhe do fundo da sua alma perturbada.

-- O prisioneiro aqui sou eu – disse. – Deixem-me ficar quieto.

O capitão Elias Vieira explicou que não havia mais na vida que ele quisesse tanto como deixá-lo ficar quieto, mas que não podia, pois a ordem vinha directamente do presidente e havia urgência em cumpri-la. A missiva que acompanhava o recluso era curta e tão clara que António Ferraz havia de recordá-la o resto da vida: sem outra razão para além da assinatura tenebrosa do presidente, o prisioneiro deveria ser fuzilado à primeira hora da manhã. O capitão ia dizer como se chamava o homem que tinham trazido para morrer, mas o comandante interrompeu-o a tempo.

-- Proíbo-o de dizer outra vez o nome desse homem – gritou. – Já o sei há mais de vinte anos.

-- Muito bem, comandante. Mas há mais uma questão.

Então António Ferraz esticou o braço e acendeu o candeeiro que estava sobre a mesinha ao lado do cadeirão, uma luz triste alastrou pela sala e o horizonte da noite angolana encandeou-se. Levantou-se, mas trouxe com ele uma das mantas tribais que cobriam o cadeirão, para se proteger dos ventos invencíveis do planalto. Deu um passo em frente e os seus olhos ficaram a um palmo do rosto do capitão Elias Vieira.

-- Não há mais questão nenhuma – disse-lhe num suspiro profundo. – Eu sei o que me vai dizer agora, e respondo-lhe já que, quando forem seis horas e quarenta e dois minutos da manhã, eu não vou dar outro tiro na cabeça desse desgraçado que já morreu uma vez.

O capitão Elias Vieira pôs uma mão sobre o ombro do comandante e apertou com afecto.

-- Eu sei que custa, comandante – respondeu. – Mas não há mais ninguém.

António Ferraz sabia tão bem como o capitão que não havia mais ninguém. Os três homens que tinham trazido o prisioneiro iam comer o que havia restado do grão cozido do jantar e depois iam regressar à vila do outro lado do vale; Inácio Montenegro e Zeca Baião eram ainda demasiado novatos para lhes entregar aquela ordem negra; e a mão ferida do capitão Elias Vieira impedia-o de disparar uma arma com a precisão funesta que a

tarefa exigia. Não tinha sido a primeira vez que matava um homem, pois participara em conflitos armados suficientes para saber que pelo menos um dos projecteis que disparara havia acabado por acertar em alguém. Porém, tinha sido a primeira vez que o fazia contra um homem indefeso. Recordou a cantilena de orações sobre a revolução, aprendida em Moscovo tantos anos antes, e pressentiu o coração palpar com as directrizes sobre a execução de traidores, inimigos-alvo e outros entraves à implantação da doutrina. Acima de tudo, não percebia por que motivos o obrigavam a matar outra vez o mesmo homem, vinte e três anos depois, em vez de o deixarem em sossego com aquilo que lhe restava de vida.

Voltou a sentar-se no cadeirão, enrolado na manta, e apagou a luz diáfana do candeeiro. No escuro da sala, procurou a paz perdida, mas apenas encontrou o turbilhão de terramoto das memórias. Então repetiu o mesmo lamento de antes.

-- Elias, deixe-me ficar quieto – disse. – Estou à deriva neste mar de ondas grandes e a única coisa que quero é chegar a terra firme. Deixe-me dormir a minha noite de hoje sem lembranças de outras noites.

O rosto do capitão Elias Vieira apareceu do meio do breu como um anjo miserável.

-- Eu queria deixar, António – disse ele. – Mas nós os dois sabemos bem que para ficar quieto é preciso morrer.

Depois, voltou a desaparecer nas sombras da sala, mas António Ferraz ainda o ouviu acrescentar um conselho inútil: “Descanse até o dia nascer, comandante. Eu faço a vigia sozinho.”

O comandante acendeu mais um cigarro, embora soubesse do fundo do seu ser que já nem o travo doce do mentol seria suficiente para afugentar as assombrações do passado, muito menos a certeza daquilo que iria passar-se aos primeiros minutos da manhã. As horas seguintes passou-as tentando em vão conciliar o sono, pois a todo o instante era perturbado pelos barulhos invisíveis da selva, pelo troar longínquo do céu, pelas gargalhadas de estrépito de Inácio Montenegro e Zeca Baião. Às

três da manhã, viu passar um cão selvagem na penumbra entre a televisão apagada e a parede, e pouco depois escutou com toda a clareza a voz do prisioneiro que ditava estrofes salteadas de Arlindo Barbeitos para as nuvens do planalto. Esteve a ponto de o acompanhar naquelas declamações finais, mas considerou que fazê-lo seria como dar-se por vencido pela recordação alvoroçada daquele dia remoto. Levantou-se e gritou:

-- Fiquem todos para aí no meio da guerra. Eu desta vez vou desertar mais cedo.

Caminhou pelo apartamento como se não soubesse onde estava, à procura de uma saída daquela Angola antiga, mas depressa percebeu que as portas estavam fechadas para sempre até à manhã seguinte. De modo que avançou até à porta da casa-de-banho, onde o prisioneiro permanecia trancado e tomando alento nas palavras do poeta, decidido a deitá-la por terra para deixar fugir o homem que já tinha morrido um dia, só para não ter que o matar de novo. E foi nesse estado de agitada angustia que o capitão Elias Vieira o encontrou e o envolveu com um braço para que se acalmasse e tentasse dormir, enquanto ele lhe respondia afundado em exasperação que isso era o que ele mais queria, mas que o tiro que ia disparar dentro de poucas horas não o deixava; e o capitão conduzia-o no escuro com toda a cautela, por entre os pedregulhos do planalto e a mobília inglesa que ele herdara do seu tio, até que tornou a sentá-lo no cadeirão e lhe passou a garrafa de aguardente com que costumava acompanhar as noites em que estava de sentinela, para que ele se refizesse da tormenta. O comandante bebeu sem protestos e sentiu o mesmo ardor daquele outro tempo escorrer-lhe pelo esófago e então voltou a dizer:

-- Deixe-me ficar quieto, camarada. Por favor.

O capitão assentiu com a cabeça, levantou-se e coxeou para dentro do escuro.

-- Venho acordá-lo quando forem horas – disse, antes de se esfumar.

António Ferraz ficou imóvel na noite africana do seu apartamento, às avessas com aquela perturbação vertiginosa.

Continuava nessa mesma posição sem descanso quando por volta das seis da manhã o capitão Elias Vieira apareceu à sua frente com uma caneca de café e um pedaço de pão seco. Ele deu uma dentada miúda no pão e dois tragos no café e depois, sem consolo, atirou o resto para o chão de terra e soalho. Quando passou a caneca vazia ao capitão, este passou-lhe de volta o revólver, o mesmo que lhe tinham oferecido na capital soviética, segurando-o com as duas mãos abertas como se fosse uma relíquia milenar. Ele viu a arma e assustou-se. Mas mesmo assim pegou nela e poisou-a no colo.

-- Está na hora, comandante – declarou o capitão.

Ele olhou o seu velho amigo já sem forças para continuar a resistir àquela irremediável duplicação do destino e ergueu-se com o revólver pendurado na mão.

-- Vamos – disse. E avançou no escuro, seguido do capitão.

Zeca Baião esperava-os à porta da casa-de-banho, ainda estremunhado pela alvorada, revelando uma certa solenidade na postura do corpo. Assim que o viu, o comandante acabou-lhe com as ilusões.

-- Não vale a pena estar com essa pose de ministro – disse-lhe. – O que aqui se vai passar é coisa de hienas. Abra a porta.

O soldado não disse nada, baixou o olhar e tirou do bolso a chave ferrugenta que depois usou para abrir o cadeado. Libertou a aldraba das correntes e escancarou a porta. Lá dentro, a escuridão era ainda mais densa e a presença do prisioneiro era apenas perceptível pela sua voz sussurrando os versos de Barbeitos para os azulejos. Zeca Baião entrou. E poucos segundos depois saiu com um negro de dois metros, de mãos amarradas e a sangrar do sobrolho. Ninguém disse nada e o capitão Elias Vieira fez sinal para o seguirem, ao mesmo tempo que os primeiros raios do novo sol começaram a encher o planalto. Caminharam cerca de trinta metros e depois pararam. O capitão obrigou o prisioneiro a ajoelhar-se no chão. E deste lado do tempo, enxovalhado por todas as alas pelas investidas das memórias, o comandante António Ferraz apontou o revólver à têmpora direita do homem e pela segunda vez na vida matou-o

com o tiro da sua própria desgraça.

Depois, a tremer, voltou a sentar-se no cadeirão coberto de mantas tribais na sua sala-de-estar em Lisboa, pegou no telefone e discou o número da mãe em Coimbra. As lágrimas começavam a escorrer-lhe pelo rosto.